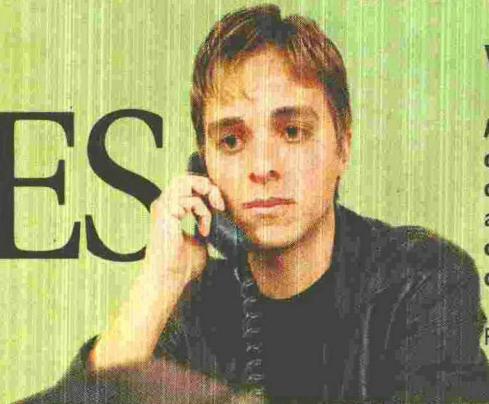


25 CIDADES



VOLUNTÁRIOS

Augusto Homrich (foto) é um dos 66 integrantes do Centro de Valorização da Vida, que atende, 24h por dia, pessoas com depressão, angústia e queixas de solidão

PÁGINA 26

BRASÍLIA, DOMINGO, 17 DE JULHO DE 2005
Editora: Samanta Sallum // samanta.sallum@correioweb.com.br
Subeditores: Ana Paixão, Roberto Fonseca, Valéria de Velasco e Wilmar Alves
Coordenadora: Taís Braga // tais.braga@correioweb.com.br
e-mail: cidades@correioweb.com.br
Tels. 3214-1180 • 3214-1181
fax: 3214-1185

RODOVIÁRIA

Mais de 120 barracas de vendedores ambulantes disputam os usuários no terminal rodoviário do Plano Piloto, onde oferecem de roupas a frutas e sanduíches, mesmo sem condições de higiene

DF Comércio

Guerra de camelôs

RENATO ALVES

DA EQUIPE DO CORREIO

Os passageiros não têm vez na Rodoviária do Plano Piloto. Além de desviar dos ônibus, caminhões e carros que circulam desordenadamente pelas pistas internas, as 600 mil pessoas que passam diariamente pelo maior terminal do Distrito Federal precisam driblar os camelôs. Até as plataformas de embarque e desembarques estão ocupadas por ambulantes, que também tomaram conta dos bancos destinados aos usuários de ônibus.

Os camelôs oferecem de tudo. Inclusive frutas, sucos, salgados e sanduíches, mesmo sem contar com água ou recipientes para conservar alimentos e bebidas. Têm também todo tipo de artigo falsificado e contrabandeado: camisas, sapatos, tênis, bijuterias. Tanta gente e barraca que os comerciantes mais antigos, instalados em boxes regularizados, e até mesmo alguns ambulantes, reclamam da concorrência. Só lanchonetes, são 20.

Nem a Administração da Rodoviária nem a Secretaria de Fiscalização de Atividades Urbanas (Sefau) sabem ao certo quantos

são os ambulantes no terminal. O Correio contou, na terça e quarta-feira passadas, 120 barracas, 19 quiosques de lata – erguidos de forma improvisada, com licenças sem validade –, além de 32 boxes de alvenaria, que fazem parte do projeto original da Rodoviária e são explorados com autorização do governo.

A equipe do jornal não levou em conta os ambulantes sem ponto fixo. Como os que usam os braços para expor relógios ou os que utilizam caixas ou carrinhos para oferecer guloseimas. Nem os vendedores e compradores de vales-transporte e tíquetes-refei-

ção e os camelôs que ocupam calçadas e estacionamentos ao redor da Rodoviária.

Desemprego

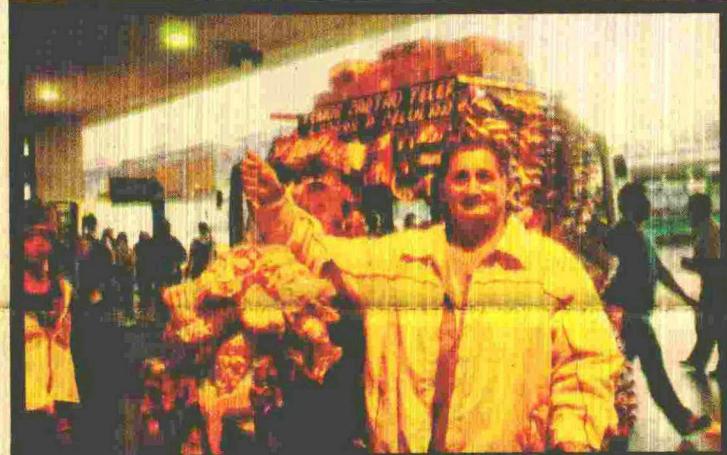
O cearense Luiz Gonzaga Sobrinho, 60 anos, trabalha no local desde que se mudou com mulher e sete filhos para a capital do país, em 1983. "Um dos meus filhos falou que na Rodoviária tinha muita gente e que eu poderia vender minhas balas à vontade lá", lembra. Luiz começou com um caiote no braço, onde expunha balas e chicletes. "Depois passei a ter um carrinho e, há seis anos, montei minha banca", conta.

Com a venda de doces e balas, Luiz construiu casa em Samambaia e criou os sete filhos. Seis deles ajudam o pai a tomar conta da barraca, aberta 24 horas por dia. Eles se revezam em dupla, em turnos de oito horas cada. E tiram o sustento dos 22 netos de Luiz. O cearense diz que a renda caiu bastante nos últimos seis anos, por causa do aumento na quantidade de camelôs. "Se fosse menos gente, seria melhor. Mas não tem emprego para todo mundo, tem que deixar o pessoal trabalhar", ressalta.

Ao contrário do que ele pensa, o grande número de camelôs

também gera desemprego. Com a concorrência, muitos comerciantes antigos da Rodoviária, que pagam para ocupar os boxes de concreto, demitiram funcionários que recebiam salário com carteira assinada para cortar custos. Isso ocorreu até com os donos dos quiosques de lata, na plataforma inferior. É o caso de uma das lanchonetes que vendem cachorro-quente com refresco a R\$ 1, nas plataformas C e D. Ela já teve seis funcionários. Hoje, são apenas três. Um deles é o atendente Petro de Souza, 24 anos. "O patrão teve que demitir porque as vendas caíram muito", explica.

Paulo de Araújo/CB



LUIZ GONZAGA VENDE BALAS NO LOCAL HÁ 22 ANOS: SUSTENTO DA FAMÍLIA